



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**PEDAGOGIA HOSPITALAR E PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO EM  
PRODUÇÕES BRASILEIRAS NA BASE DE DADOS SCIELO (2010-2020)**

Florianópolis

2022

Aline dos Santos Henrique

**PEDAGOGIA HOSPITALAR E PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO EM  
PRODUÇÕES BRASILEIRAS NA BASE DE DADOS SCIELO (2010-2020)**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em  
Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da  
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito  
para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ilana Laterman

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Henrique, Aline dos Santos  
Pedagogia hospitalar e planejamento pedagógico em  
produções brasileiras na base de dados SciELO (2010-2020) /  
Aline dos Santos Henrique ; orientador, Ilana Laterman,  
2022.  
45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, , Graduação em ,  
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. . 2. Pedagogia hospitalar. 3. Educação em hospital.  
4. Planejamento pedagógico. I. Laterman, Ilana. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em . III.  
Título.

Aline dos Santos Henrique

**PEDAGOGIA HOSPITALAR E PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO EM  
PRODUÇÕES BRASILEIRAS NA BASE DE DADOS SCIELO (2010-2020)**

Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina elaborado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Florianópolis, 03 de Maio de 2022.

---

Prof., Dr. Patricia de Moraes Lima  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Profa., Dra. Ilana laterman  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof., Dr. Rogério Machado Rosa  
Avaliador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa., Dra. Degelane Córdova Duarte  
Avaliadora  
Instituto Federal Catarinense

---

Profa., Dra. Luciane Maria Schlindwein (suplente)  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos meus pais, por todo amor e apoio de sempre e especialmente durante minha trajetória no curso de pedagogia.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, pela vida, pela saúde.

A todos os professores do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, que, junto às minhas colegas de aula, me ajudaram a me tornar uma pessoa mais crítica, consciente, politizada e perceber o quanto e como temos que lutar por uma educação de qualidade.

Agradeço imensamente meus pais, Cida e Paulo, que me incentivaram em minhas escolhas, que demonstraram apoio diário, em meio a todo trabalho, a toda demanda que o cotidiano nos proporciona. Eles não mediram esforços em me auxiliar na permanência no curso e nos estágios que me levaram a perceber que trabalhar como professora, realmente é a minha paixão.

As minhas colegas de profissão, que me proporcionaram desde o período de estágio, grandes oportunidades de aprendizado. Nele, pude experienciar diversos momentos significativos, nos quais, aliando a teoria e a prática, tudo começou a fazer cada vez mais sentido. Especialmente a minha amiga Elisângela, que foi a professora que sempre trabalhei e que sempre me oportunizou espaço, pedindo e considerando minhas opiniões. Hoje sou uma professora consciente do que planejo e faço, sempre em busca do melhor para “minhas crianças”.

Agradeço a cada criança que passou pela minha vida e que me tocou de uma forma diferente e única. Cada uma me ajudou a pensar, a conversar, a dialogar das melhores maneiras possíveis, dando todo o respeito e atenção que merecem.

Ao meu namorado Danilo, por todo apoio, paciência e motivação. Desde os momentos mais isolados durante esta pandemia, de longe, me ajudou a estar bem, feliz, a não desanimar, deixando que este período se tornasse menos complicado, adicionando alegria e parceria a nossa vida, auxiliando assim, na continuidade dos meus estudos.

A minha orientadora Ilana, que aceitou este desafio comigo, mesmo não sendo exatamente da área da qual se trata o presente trabalho e não exitou em me ajudar.

Se acreditarmos que a educação escolar tem um papel na democratização nas esferas econômica, social, política e cultural, ela será mais democrática quanto mais for universalizada a todos, assegurando tanto o acesso e a permanência nas séries iniciais, quanto o domínio de conhecimentos básicos e socialmente relevantes e o desenvolvimento das capacidades intelectuais por parte dos alunos.

(LIBÂNEO, 1990, p.227)

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca analisar artigos brasileiros sobre a pedagogia hospitalar presentes no portal Scielo (Scientific Electronic Library Online) entre os anos 2010 a 2020. O objetivo da pesquisa consiste na sistematização dos trabalhos sobre pedagogia hospitalar, com foco no planejamento pedagógico no contexto hospitalar, de modo a refletir sobre o que é preciso considerar no plano de ação dos professores que trabalham na área. O estudo teve a pesquisa bibliográfica como metodologia. As análises possibilitaram identificar semelhanças e especificidades do planejamento e da prática pedagógica hospitalar em referência ao contexto escolar; especialmente em relação à criança e ao jovem internados, como a sua consideração do planejamento como um processo passível de mudanças e a grade curricular, respectivamente. Ao final, conclui-se que, de acordo com os artigos do Scielo Brasil, a pedagogia hospitalar é, no Brasil, um campo em construção, que tem se constituído principalmente nas pesquisas de campo. O planejamento não se mostrou como debate principal das mesmas, no entanto aparece, ainda que timidamente. Estas apontam para a importância da observação, do registro, da adaptação, da sensibilidade e da valorização do vínculo com a vida por meio da aprendizagem, da ludicidade, da literatura, das interações dialógicas no exercício do pedagogo hospitalar.

**Palavras-chave:** Pedagogia hospitalar; planejamento docente; criança hospitalizada.



## **ABSTRACT**

This research seeks to analyze Brazilian articles on hospital pedagogy founded on the Scielo portal (Scientific Electronic Library Online) between the years 2010 to 2020. The focus is on pedagogical planning in the hospital context. The study had bibliographic research as a methodology. It was possible to identify similarities and specificities of hospital planning and pedagogical practice in reference to the school context. The conclusions are that, according to the articles in Scielo Brazil, hospital pedagogy is, in Brazil, is a field under construction. We could also understand that the importance of observation, register, adaptation, sensitivity and appreciation of the bond with life through learning, playfulness, literature, dialogic interactions are fundamentals in the exercise of the hospital pedagogue.

**Keywords:** Hospital pedagogy. Teacher planning. Hospitalized child.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Balanço das pesquisas - 2010 - 2020 (SciELO Brasil)	18
Quadro 2 - Objetivo das pesquisas (SciELO Brasil)	21
Quadro 3 - Categorias de análise	32

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AEH - Atendimento Escolar Hospitalar

CH - Classe Hospitalar

SAH - Sistema de Administração Hospitalar

MEC - Ministério da Educação

PAP - Programa de Apoio Pedagógico

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1	OBJETIVOS	13
1.1.1	Objetivo Geral	13
1.1.2	Objetivos Específicos	13
1.2	METODOLOGIA	14
1.3	ESTRUTURA DO TEXTO	15
<b>2</b>	<b>PEDAGOGIA HOSPITALAR</b>	<b>16</b>
2.1	PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL - SciELO (2010-2020)	18
2.1.1	A criança e o adolescente hospitalizados e a pedagogia hospitalar	23
2.1.2	Os materiais e os recursos que os docentes dispõem para o Atendimento Escolar Hospitalar	25
2.1.3	Tempos de aprender, tempos de acolher...	28
2.1.4	O espaço físico onde acontecem as atividades educativas	30
<b>3</b>	<b>PLANEJAMENTO DOCENTE</b>	<b>32</b>
3.1	O PLANEJAMENTO DOCENTE NA PEDAGOGIA HOSPITALAR	33
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A instituição hospitalar atende crianças, que por vezes, ficam um grande período de tempo no local, não podendo se deslocar do mesmo e assim permanecem distantes do ambiente escolar. Esta situação de permanência no hospital propõe questionamentos sobre o sentido e as possibilidades de continuar brincando, aprendendo, imaginando, interagindo com a cultura neste contexto e circunstância.

Até o presente momento, no curso em que estou me graduando (pedagogia - Universidade Federal de Santa Catarina) este tema não teve lugar de aprofundamento nos estudos, sendo apenas mencionado. A pedagogia hospitalar não sendo trabalhada no curso, foi algo que me fez despertar interesse em conhecê-la, em pensar nas questões, nos desafios, no público atendido, pelo qual se beneficia da existência de tais espaços, a importância dessa existência. Esta é uma temática pedagógica que considero ser bastante importante, posto que todas as crianças têm o direito à educação. Esse direito está presente na constituição federal (BRASIL, 1988)

CAPÍTULO III – Da Educação, da Cultura e do Desporto SEÇÃO I – Da Educação  
Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho

e no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990)

Título I, Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Todos nós somos seres singulares, temos nossas especificidades, que demandam diferentes maneiras de atenção, relação, ensino. No entanto, sabemos que em um ambiente hospitalar, há diversas mudanças com relação a um contexto escolar, seja em relação aos sintomas da enfermidade, seja por questões psicológicas vinculadas ao momento vivido, à distância de seus pares, de sua família, de tudo que compõe o seu convívio cotidiano com o mundo que o cerca. Deste modo, como os professores se preparam e se posicionam a fim de corresponder às singularidades destas crianças? Como eles podem se preparar para lidar com as questões que envolvem enfermidades e que influenciam no processo de aprendizagem? Como se aproximam, como fazem seu contato inicial? Como planejam suas aulas?

O Planejamento é uma etapa fundamental para o desenvolvimento das aulas. De acordo com Libâneo (1990)

[...] A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo: é antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções político-pedagógicas, tendo como referência permanente as situações didáticas concretas, isto é, a problemática social, econômica, política e cultural que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que interagem no processo de ensino (p.222)

Desta forma, busca-se prever as ações pelas quais foram pensadas, a fim de garantir que os objetivos planejados sejam alcançados. No entanto, não há precisão do que realmente acontecerá, de como se dará o movimento da aula. Podemos, a partir de análises, reflexões, estudos, tentar traçar, como poderá ser o desenvolvimento, porém, por se tratar de sujeitos únicos, singulares, não é possível garantir o sucesso desta previsão.

O planejamento da ação docente envolve

[...] refletir sobre o “para que”, “o que”, “como” ensinar e acerca dos resultados das ações empreendidas. As respostas a esses questionamentos traduzem os elementos constituintes dos planos, a saber: objetivos, conteúdos, metodologia, recursos didáticos e sistemática de avaliação (FARIAS; SALES; BRAGA; FRANÇA, 2014, p.118-119)

O planejamento não é imutável, de forma nenhuma e o âmbito hospitalar traz ainda mais componentes modificadores e de incertezas do que uma classe regular, seja com relação ao tempo que o paciente/educando frequentará a classe, se retornará, se receberá alta médica, se conseguirá acompanhar o que o docente planejou para a aula. Portanto, como os professores conseguem realizá-lo, considerando todas as possibilidades que podem acontecer no decorrer dos dias em um hospital?

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Analisar artigos acadêmicos brasileiros sobre Pedagogia Hospitalar com o foco no planejamento pedagógico entre os anos 2010 e 2020 indexados no portal de pesquisa Scientific Electronic Library Online (SciELO).

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Fazer um balanço da produção acadêmica sobre a pedagogia hospitalar brasileira no portal SciELO no período de 2010 a 2020;
- Realizar um levantamento das pesquisas que realizam menções ao planejamento do professor nos artigos encontrados;
- Identificar como o planejamento é apresentado nas pesquisas levantadas.

## 1.2 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2002, p.21-22)

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. [...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Os procedimentos utilizados na realização desta pesquisa são a pesquisa bibliográfica e o balanço de produções acadêmicas brasileiras sobre a temática da pedagogia hospitalar na base de dados SciELO entre 2010 e 2020, com o objetivo de compreender o que vem sendo produzido a respeito deste assunto na área da educação, bem como descobrir se o planejamento docente aparece nas pesquisas.

Na base de dados SciELO Brasil, coloquei os descritores “Pedagogia Hospitalar” e “Classe hospitalar”. Encontrei 55 trabalhos dos quais 09 atendiam aos critérios desta pesquisa. Os critérios de inclusão foram: período da pesquisa, referente à crianças e/ou adolescentes, foco na área da educação. Critérios de exclusão: relacionadas a sujeitos adultos, foco na área da saúde.

O primeiro movimento na realização da pesquisa se deu pela pesquisa bibliográfica e a realização do balanço das produções acadêmicas sobre a pedagogia hospitalar. O corte temporal realizado foi de 2010 a 2020. A fonte de pesquisa utilizada para desenvolver o balanço foram os periódicos acadêmicos brasileiros do portal Scientific Electronic Library Online (SciELO). Foi construído um quadro com as pesquisas selecionadas, bem como seus respectivos autores, ano de publicação e revista publicada, como também, um quadro com o objetivo das pesquisas.

O segundo movimento foi a leitura das pesquisas selecionadas, a fim de analisar o conteúdo que as mesmas comportam, percebendo pontos que se repetem e se assemelham

entre seus conteúdos, bem como especificidades, com intuito de compreender o contexto específico.

O terceiro movimento foi analisar a presença do planejamento docente nas pesquisas, bem como seus determinantes, refletindo sobre como aparecem, qual o espaço preenchido, qual a relevância na pesquisa.

Para sustentar a pesquisa, busquei traçar um referencial teórico que mediasse a proposta em discussão. (LIBÂNEO, 1990; VASCONCELLOS, 2002; CECCIM, 1997; FONSECA, 1999)

Uma vez realizada as análises e com o referencial teórico, procurei traçar considerações gerais que, se não determinam conclusões, apontam para algumas pistas integradoras do estudo como um todo.

### **1.3 ESTRUTURA DO TEXTO**

O presente texto foi estruturado, quanto a sua organização, em três capítulos.

O primeiro capítulo introduz o tema da pesquisa. Nele consta os motivadores para a realização da mesma, devido a importância vista sobre o assunto e a falta de contato durante minha trajetória acadêmica no curso de pedagogia. Dentro do capítulo trazemos também os objetivos da pesquisa e a metodologia adotada em sua realização.

O segundo capítulo é intitulado “Pedagogia hospitalar”. Nele apresentamos o conceito de pedagogia hospitalar, como se deu seu surgimento, quais foram as motivações para que ela se tornasse presente e importante em nível mundial. Aqui trazemos seus referentes legais, buscando apresentar as leis que garantem o atendimento escolar hospitalar no Brasil. Após, trazemos o balanço da produção acadêmica em pedagogia hospitalar no Brasil, entre os anos 2010 e 2020, indexadas no portal de pesquisa Scientific Electronic Library Online (SciELO). Foi produzida uma tabela para organização do balanço. Posteriormente, apresentamos categorias presentes nas pesquisas, que nos auxiliam na reflexão sobre o planejamento no atendimento escolar hospitalar.

O terceiro capítulo trata da questão do planejamento docente, inicialmente de modo geral (classes regulares), trazendo considerações sobre como esse processo deve acontecer, concebendo uma gama de rumos em seu desenvolvimento. Posteriormente trata do planejamento docente voltado às classes de atendimento escolar hospitalar. Por fim, o planejamento é analisado nas produções selecionadas no balanço realizado para a pesquisa.



## 2 PEDAGOGIA HOSPITALAR

A Pedagogia Hospitalar pode ser tratada como “uma nova ramificação da Pedagogia que visa discutir a educação no espaço hospitalar, valorizando e garantindo o direito da criança enferma.” (SILVA; ANDRADE, 2013, p.57). Portanto, a pedagogia hospitalar objetiva promover o acesso das crianças e adolescentes hospitalizados à educação escolar no ambiente hospitalar, ambiente pelo qual eles vivem, interagem, participam e cuidam da saúde naquele momento. De acordo com Silva e Schwambach

[...] os primeiros relatos de preocupação com a escolarização de crianças inaptas têm origem na França, em 1935, Henri Sellier, prefeito de Suresnes, cria a primeira escola hospitalar para crianças em tratamento de tuberculose. Este modelo de educação foi implementado na Alemanha, na França e nos Estados Unidos da América, tendo o intuito de atender as crianças com tuberculose em idade escolar. No período da Segunda Guerra Mundial, o grande número de crianças mutiladas e órfãs nos hospitais fez com que médicos e enfermeiras se mobilizassem para prover instrução e dar amparo para esses escolares. Tornaram-se defensores e intercessores na continuação dos estudos de crianças e adolescentes (SILVA; SCHWAMBACH apud VASCONCELOS, 2005, p.58)

Já no Brasil, os atendimentos pedagógicos em ambiente hospitalar, vieram a acontecer alguns anos depois, em 1950, no Rio de Janeiro, mais especificamente no Hospital Jesus, sendo reconhecida esta modalidade (pedagogia hospitalar) apenas em 1994 pelo

[...] Ministério da Educação e do Desporto (MEC) através da Política da Educação Especial, e, posteriormente normalizado entre os anos de 2001 e 2002 com os documentos, também do MEC, intitulados de: Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) e Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: orientações e estratégias (BRASIL, 2002) (OLIVEIRA, 2018, p.02)

Como referentes legais do direito ao atendimento educacional hospitalar temos:

Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, Resolução 41/95 Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados: item 9º Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar durante sua permanência hospitalar. (BRASIL, 1995)

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. TÍTULO III Do Direito à Educação e do Dever de Educar Art. 4º-A. “É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa. (Incluído pela Lei nº 13.716, de 2018). (BRASIL, 1996)

Portanto é um direito assegurado por leis e que deveria ser contemplado em sua completude.

A criança ou o adolescente, hospitalizado por períodos recorrentes e/ou longos, pode passar por diversas situações nas quais não havia experimentado anteriormente. Essas

mudanças em relação a seu cotidiano, tanto no ambiente, como nas formas de se relacionar com os outros, podem fazer com que eles sofram uma carga emocional que deve ser compreendida pelo pedagogo hospitalar que tenta a aproximação com os mesmos.

A classe hospitalar se revela importante neste contexto. De acordo com Fonseca (1999, p.34)

Dispor de atendimento de classe hospitalar mesmo que por um tempo mínimo (e que talvez pareça não significar muito para uma criança que atende à escola regular) tem caráter importantíssimo para a criança hospitalizada. Esta pode operar com suas expectativas e dúvidas, produzir conceitos e produtos subjetivos de forma positiva, tanto para a vida escolar quanto para a vida pessoal, desvinculando-se, mesmo que momentaneamente, do conteúdo penoso ou de dano psíquico que o adoecimento ou a hospitalização podem provocar.

Nesse sentido, a classe hospitalar poderia ser apontada como uma forma de vínculo à vida com saúde, com aprendizado, ludicidade, descobertas, propiciando um ambiente de bem estar, de educação e de construção de subjetividade. O ambiente hospitalar precisa ser mais humanizado, contribuindo para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes, que se sentirão mais incluídos. O fato de aprender, descobrir, ter acesso à novos conhecimentos, faz bem para os pacientes/alunos, bem como a interação de uns com os outros, contribuindo inclusive na formação de identidade.

Pensar a criança com todas as suas necessidades específicas, e não só na necessidade de recomposição do organismo doente, e organizar uma assistência hospitalar que corresponda ao seu nível de desenvolvimento e realidade biológica, cognitiva, afetiva, psicológica e social demonstra uma iniciativa de reformulação do modelo tradicional de atendimento pediátrico para integrar conhecimentos, visões e experiências de atendimento infantil, cotejados com as diferentes áreas do saber sobre a infância e para despertar projetos construtivos (CECCIM, 1997, p.76).

A criança hospitalizada pode sofrer com as mudanças ocorridas, além da própria doença que a afeta, influenciando no seu aspecto emocional, físico (dores corporais, mal estar, dificuldade de locomoção, de movimento) e até mesmo o uso de remédios também pode ser algo que lhe afete negativamente. O afastamento temporário da vida escolar pode trazer desafios na continuidade dos estudos. Neste sentido, a presença do pedagogo/a durante o período de internação pode ser um apoio à criança neste período, estabelecendo oportunidade de continuar aprendendo formalmente. Portanto, o que, quem media o processo de aprendizagem, pode fazer para lidar com isso? o que precisa conhecer? o hospital é um ambiente diferente de uma escola. Precisa-se da existência de elementos e acontecimentos diferentes no seu processo de desenvolvimento?

O direito à educação direcionado às crianças hospitalizadas é um direito formal, que para se tornar um direito real, necessita de luta social, de reivindicação, no sentido de

afirmá-lo para além do registro formal no texto legal. Acreditamos que precisamos discutir como garantir esse direito na sua completude, por meio de ações educativas significativas para essas crianças que por possuírem doenças, e por estarem diariamente em um ambiente diferente do comum para a maioria das pessoas, podem ter seu cotidiano permeado por dificuldades e obstáculos.

## 2.1 PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL - SciELO (2010-2020)

Para conhecer como tem sido abordada e pesquisada a pedagogia hospitalar, elaboramos esta pesquisa em artigos do SciELO brasileiro.

A intenção é identificar os artigos sobre o tema e focar em como o pedagogo organiza seu trabalho, ou seja, o planejamento pedagógico.

Para a realização do balanço das pesquisas no SciELO, os descritores escolhidos foram, “pedagogia hospitalar” e “classe hospitalar” (apenas um campo de pesquisa). Os resultados obtidos foram um total de 55. Estes resultados foram filtrados selecionando as coleções brasileiras e a área temática da educação. Assim, ao final, o resultado foi de dezesseis pesquisas.

A pesquisa foi realizada em agosto de 2021. Primeiramente não foi realizado corte temporal, para observar o fluxo da produção. A primeira pesquisa nesta base de dados ocorreu no ano de 1999. A próxima, aconteceu apenas seis anos depois. Ocorreram quatro pesquisas, na base de dados SciELO brasileira, sobre o tema em 2007. Após, pesquisamos pelo período de 2010 até 2020. Estes foram os trabalhos selecionados, para o presente trabalho, no total de nove, que configuram as pesquisas mais recentes.

Em seguida foi desenvolvido um quadro das pesquisas contendo o título, autor(es), palavras-chave, ano e revista publicada, seguido do objetivo dos mesmos.

**Quadro 1** - Balanço das pesquisas - 2010 -2020 (SciELO Brasil)

TÍTULO	AUTOR(ES)	PALAVRAS - CHAVE	ANO	REVISTA
<b>A importância da classe hospitalar Semear do Recife no processo de continuidade da</b>	SANTOS, Raffael Bruno Gomes dos; CONCEIÇÃO, Cláudia Cristina da; CAVALCANTE, Tícia Cassiany Ferro.	Aluno hospitalizado; aprendizagem; escola em hospital.	2019	REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

<b>escolarização dos estudantes/pacientes com câncer</b>				
<b>As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos</b>	SOUZA, Zilmene Santana; ROLIM, Carmem Lucia Artioli.	Educação e saúde; Prática docente; Brinquedoteca; Possibilidades e enfrentamentos.	2019	REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
<b>Perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da classe hospitalar</b>	BARROS, Alessandra Santana Soares e; GUEUDEVILLE, Rosane Santos; Vieira, Sônia Chagas.	Educação Especial; Classe Hospitalar; Pedagogia Hospitalar; Análise de Conteúdo.	2011	REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
<b>Criança e adolescente cronicamente adoecidos e a escolarização durante a internação hospitalar</b>	FERREIRA, Mayara Kelly Moura; GOMES, Ilvana Lima Verde; FIGUEIREDO, Sarah Vieira; QUEIROZ, Maria Veraci Oliveira; PENNAFORT, Viviane Peixoto dos Santos.	Escolaridade; doença crônica; assistência integral à saúde; criança hospitalizada; adolescente hospitalizado.	2015	TRABALHO, EDUCAÇÃO E SAÚDE
<b>O currículo da classe hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul</b>	ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS, Soraia Napoleão.	Classe Hospitalar; Currículo; Educação.	2014	EDUCAÇÃO E REALIDADE
<b>Classe hospitalar: produção do conhecimento em saúde e educação</b>	XAVIER, Thaís Grilo Moreira; ARAÚJO, Yana Balduino De; REICHERT, Altamira Pereira dos Santos; COLLET, Neusa	Educação Especial; Produção de Conhecimento; Classe Hospitalar; Saúde.	2013	REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
<b>Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato</b>	LINHEIRA, Caroline Zabendzala; CASSIANI, Suzani; MOHR, Adriana.	Ensino de ciências; Hospital; Ensino Fundamental; Formação de professores.	2013	CIÊNCIA E EDUCAÇÃO (BAURU)

<b>de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores</b>				
<b>Classe hospitalar: a articulação da saúde e educação como expressão da política de humanização do SUS</b>	ZOMBINI, Edson Vanderlei; BOGUS, Cláudia Maria; PEREIRA, Isabel Maria Teixeira Bicudo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi.	Promoção da saúde; humanização; classe hospitalar; educação; SUS.	2012	TRABALHO, EDUCAÇÃO E SAÚDE
<b>A classe hospitalar como instrumento de participação política na construção coletiva da associação de pais e pacientes da hematooncologia</b>	ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; GARCIA, Simone Hoerbe; ZARDO, Sinara Pollom; SCHMIDT, Denise Pasqual; CASTRO, Sabrina Fernandes de; MEINEN, Carina Vizzotto; RODRIGUES, Eliane de Oliveira; FREITAS, Soraia Napoleão.	Pesquisa-ação; Classe Hospitalar; Cidadania; Movimentos Sociais.	2010	EDUCAÇÃO EM REVISTA

Fonte: autoral

Podemos perceber, ao analisar o quadro, que três das pesquisas foram publicadas na revista brasileira de educação especial e duas publicadas na revista trabalho educação e saúde. As outras quatro pesquisas foram publicadas em diferentes revistas. Analisando as palavras chaves, percebemos que em quatro delas encontramos o termo “classe hospitalar”.

Apresentamos a seguir, o objetivo dos trabalhos selecionados.

#### **Quadro 2 - Objetivo das pesquisas (SciELO Brasil)**

<b>TÍTULO</b>	<b>OBJETIVO</b>
<b>A importância da classe hospitalar Semear do Recife no processo de continuidade da escolarização dos estudantes/pacientes com câncer</b>	Analisar a importância da primeira classe hospitalar do estado de Pernambuco, Semear, situada no Hospital Universitário Oswaldo Cruz do Recife. Na feitura da pesquisa, foram realizadas análise documental, observações com diário de campo na classe hospitalar e entrevista com roteiro semiestruturado com a professora.

<b>As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos</b>	O objetivo do estudo foi o de conhecer o processo pedagógico educacional no ambiente hospitalar em questão, na atuação das professoras, levando em conta as especificidades de crianças em tratamento de saúde. As autoras utilizam como estratégia metodológica, o estudo de caso. A pesquisa contou com a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados. O ambiente hospitalar utilizado na pesquisa está localizado na cidade de Palmas, estado do Tocantins, Brasil.
<b>Perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da classe hospitalar</b>	Trata-se de uma pesquisa documental que visou descrever o perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da escolarização em hospitais, analisando artigos publicados entre os anos 1997 e 2008 a fim de buscar o conhecimento que foi produzido com relação à Classe Hospitalar.
<b>Criança e adolescente cronicamente adoecidos e a escolarização durante a internação hospitalar</b>	Pesquisa de natureza exploratória e abordagem qualitativa, realizada em um hospital pediátrico de Fortaleza, no estado do Ceará. Aconteceu entre março e maio de 2013 em dois dos blocos do hospital, coletando-se os dados por meio de entrevistas semi-estruturadas. A questão principal abordada é a investigação da efetivação do acompanhamento da educação formal dentro de ambiente hospitalar que atende crianças e adolescentes com condição crônica, bem como, compreender qual a percepção dos mesmos a respeito de sua própria escolarização na instituição hospitalar.
<b>O currículo da classe hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul</b>	Pesquisa qualitativa em uma abordagem fenomenológico-hermenêutica, objetivando conhecer o currículo da Classe Hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul.
<b>Classe hospitalar: produção do conhecimento em saúde e educação</b>	As autoras utilizaram como metodologia de pesquisa a revisão integrativa da literatura,

	referente às produções de conhecimento em saúde e educação objetivando analisar a produção científica a respeito da classe hospitalar.
<b>Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores</b>	A pesquisa é de caráter qualitativo, sendo feito um estudo de caso objetivando caracterizar a atividade docente no espaço estudado.
<b>Classe hospitalar: a articulação da saúde e educação como expressão da política de humanização do SUS</b>	Os autores buscaram estabelecer uma reflexão interpretativa sobre os princípios do SUS e mostrar a interface deles com a proposta da classe hospitalar, argumentando-se para o entendimento do papel da classe hospitalar na realização da atenção integral à saúde no Brasil.
<b>A classe hospitalar como instrumento de participação política na construção coletiva da associação de pais e pacientes da hematologia</b>	O objetivo da pesquisa foi anunciar os marcos metodológico-vivenciais da pesquisa-ação. Por meio da escuta, foram registrados os sonhos, a coragem, o desejo de crescimento e a participação tecida coletivamente de informantes aprendizes movidos pela busca da garantia de direitos.

Fonte: autoral

Posteriormente á algumas leituras dos artigos selecionados nesta pesquisa, buscamos delinear alguns eixos que consideramos importantes no que diz respeito ao planejamento da prática docente no geral (instituições escolares/creches) e em particular no ambiente hospitalar.

O planejamento docente no Atendimento Escolar Hospitalar - AEH (bem como em outros espaços), não se desenvolve em uma única relação (professor e aluno). Estão imbricados nessa relação, outras relações, outros determinantes, que influenciam diretamente nesse processo. Desta forma, após as leituras iniciais dos trabalhos selecionados, criamos quatro categorias para analisar nos nove trabalhos selecionados, buscando compreender se aparecem, como aparecem e de que maneira podem se conectar com o planejamento e a prática docente. São eles: “Saúde e educação: Realidades do paciente/educando”; “Os materiais e os recursos que os docentes dispõem para o AEH”; “Tempos de aprender, tempos de acolher...”; “O espaço físico onde acontecem as atividades educativas”

Destacamos, no quadro a seguir, em quantos dos artigos selecionados aparece cada categoria de análise.

**Quadro 3 - Categorias de análise**

<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>	<b>NÚMERO DE ARTIGOS</b>
<b>A criança e o adolescente hospitalizado</b>	<b>4</b>
<b>Os materiais e os recursos que os docentes dispõem para o AEH</b>	<b>5</b>
<b>Tempos de aprender, tempos de acolher</b>	<b>4</b>
<b>O espaço físico onde são construídas as atividades educativas</b>	<b>4</b>

Fonte autoral

### **2.1.1 A criança e o adolescente hospitalizados e a pedagogia hospitalar**

Zardo e Freitas (2007), (no artigo intitulado “Educação em classes hospitalares: transformando ações e concepções à luz da teoria da complexidade”), afirmam a necessidade de uma concepção educacional dentro das classes hospitalares que leve em conta a complexidade do sujeito hospitalizado. As autoras propõem o enfrentamento das enfermidades das crianças, auxiliando na transformação do hospital em um ambiente humanizador, para que possam assim continuar seu processo de construção do conhecimento e de sua subjetividade. A criança continua, ainda que hospitalizada, se desenvolvendo no aspecto cognitivo, afetivo e psicossocial e não deve ser considerada apenas como um paciente, portanto deve-se considerar seus interesses, seus desejos, suas necessidades.

Nessa perspectiva, a referência à condição humana significa considerar a complexidade da pessoa hospitalizada, transcendendo apenas o cuidado com a saúde fisiológica/biológica. Nesse sentido, é necessário destacar que o evento da hospitalização interfere na dinâmica da existência do sujeito, fazendo com que encontre no contexto hospitalar um novo parâmetro de sua existência, redimensionando questões que envolvem a doença, a morte e a própria perspectiva existencial. (ZARDO; FREITAS, 2007, p.09)

Esta questão está bastante presente em parte dos artigos selecionados, consistindo em quatro pesquisas que abordam a relação paciente/educando, na consideração do sujeito como um todo.



No artigo “Classe hospitalar: Produção do Conhecimento em Saúde e Educação” (XAVIER; De ARAÚJO; REICHERT; COLLET, 2013), as autoras trazem que, adentrar em um ambiente novo, pode gerar certo medo do desconhecido, pode impactar emocionalmente, alterar a rotina da criança ou adolescente. Ou seja, influências sobre a criança, que vão além da doença em si.

De acordo com elas, não é apenas o biológico que deve ser considerado quando se fala em atenção à saúde da criança e do adolescente, mas também o físico, o psicológico, o social, o mental, o espiritual, sendo necessário um olhar integral. Nem sempre acontece, havendo uma desarticulação entre os profissionais da saúde e o professor, tendo-se, em muitos casos, uma visão direcionada exclusivamente à doença.

A classe hospitalar unindo a escola e o lúdico, pode contribuir beneficentemente em sua permanência como construtor de sua história, de sua subjetividade, mantendo seu vínculo com o cotidiano que lhe pertencia anteriormente ao processo de hospitalização, conectando-as a vivência do que é específico da infância, contribuindo para a continuidade do desenvolvimento infantil, visando inclusive sua volta à escola após sua saída do hospital e auxiliando no enfrentamento da situação.

No trabalho “Classe hospitalar: A articulação da saúde e educação como expressão da política de humanização do sus” (ZOMBINI; BOGUS; PEREIRA; PELICIONI, 2012), novamente percebemos a afirmação de que a vivência em ambiente hospitalar gera angústias que vão além da doença si. Nesse sentido as atividades educativas tendem a oportunizar o desenvolvimento cognitivo da criança, conectar a realidade atual e o cotidiano anterior, promover o contato com o ambiente escolar, com base no diálogo, respeito ao sujeito, permitindo expressar-se quanto às suas necessidades, emoções, acolhimento, para que consiga melhor se adaptar. Assim atende humanizadamente e integralmente a saúde da criança,

Segundo eles, as ações precisam ser complementares entre professores e demais profissionais, superando-se portanto, os entraves do modelo médico tradicional, no qual a centralidade está exclusivamente na doença, voltando-se também para as necessidades físicas, psicológicas e pedagógicas

A classe hospitalar constitui um novo espaço de escuta. É permissiva à participação de alunos e seus familiares na reflexão dos fatores relacionados ao adoecimento e à hospitalização, na tentativa de fazer emergir forças vitais para o enfrentamento das condições características da hospitalização. Visa à recuperação da saúde da criança o mais rápido possível, abreviando assim o regresso ao seu ambiente de origem (ZOMBINI; BOGUS; PEREIRA; PELICIONI, 2012, p.78)

Assim como os trabalhos destacados anteriormente, no artigo “Criança e adolescente cronicamente adoecidos e a escolarização durante a internação hospitalar (FERREIRA;

GOMES; FIGUEIREDO; QUEIROZ; PENNAFORT, 2015) as autoras destacam a internação como algo que pode ter grande influência na vida da criança (afastamento da casa e convívio cotidiano com determinadas pessoas, os próprios procedimentos, a falta de atenção a seus aspectos físicos, mentais, cognitivos, sociais). Desta forma deve-se considerar a criança integralmente, não considerando-a como corpo doente, promovendo um ambiente humanizado.

Apresentam que é importante não romper a ligação da criança com a escola permitindo que sejam construídas experiências pedagógicas, posto que tais atividades tendem a ser algo prazeroso para elas, proporcionando que se sintam incluídas na sociedade.

No artigo “O Currículo da Classe Hospitalar Pioneira no Rio Grande do Sul” (ORTIZ; FREITAS, 2014) as autoras retratam que para além de ser um paciente, que está em um hospital para tratar sua enfermidade, a criança é um ser subjetivo que necessita de conhecimentos em vista da melhoria da sua qualidade de vida, levando em conta o respeito à dignidade, aos valores sociais do paciente, bem como à produção cognitiva e seu estado clínico emocional. A criança ou o jovem não podem ser identificados apenas por um diagnóstico clínico desconsiderando esta sua subjetividade.

Percebemos como as pesquisas demonstram enfatizar a importância de considerar o sujeito como um todo, de voltar o olhar para a criança que é afastada de seu convívio social, de sua escola, de seus amigos, de seus pertences pessoais, de apego, podendo ser bastante delicado este momento. São mudanças bruscas, por vezes repentinas. Neste sentido, a classe hospitalar pode se mostrar um ambiente acolhedor, de alegria, de aprendizagem, onde o foco não está na doença, está na consideração da infância, na curiosidade, no lúdico, no diálogo.

As quatro pesquisas aqui apresentadas, revelam o entrelace entre saúde e educação, posto que um é condicionado ao outro. Neste sentido, a educação revela-se como um fator importante no que diz respeito à saúde da criança e do adolescente, vendo ela como motivadora e como promotora de autoconhecimento. O paciente de acordo com a visão das pesquisas não pode ser reduzido a apenas paciente, mas sim, considerá-lo como um sujeito, que possui suas singularidades, seus sentimentos e desejos e que implica em uma não passividade em seu processo de hospitalização.

### **2.1.2 Os materiais e os recursos que os docentes dispõem para o Atendimento Escolar Hospitalar**

Os materiais e os recursos disponíveis nas salas da classe hospitalar são essenciais para a construção de práticas educativas, que serão planejadas de acordo com o que dispõem para realizar o atendimento. Nas escolas regulares, podemos observar, em alguns casos, a falta deles. Mas e as classes hospitalares, carecem ou possuem os materiais e recursos para a realização das atividades pedagógicas?

Foi observado na classe hospitalar Semear de Recife o uso de fichas de atividades (provenientes do banco de atividades criado para subsidiar o atendimento pedagógico), feitas pela professora, justificado pela ausência de existência de livros didáticos específicos para a classe hospitalar. Também estavam presentes as atividades lúdicas de desenho, pintura, jogos pedagógicos, recurso do tablet, mesa interativa etc. (SANTOS; CONCEIÇÃO; CAVALCANTE; 2019)

Foi apresentada, em outro artigo, a importância do uso de recursos “[...] audiovisuais, livros e filmes como material didático de apoio ao desenvolvimento das atividades no hospital [...]”. (ZOMBINI; BOGUS; PEREIRA; PELICIONI, 2012, p.79) De acordo com o trabalho, os temas introduzidos pela classe hospitalar devem priorizar uma linguagem acessível e compreensível por parte das crianças. O uso de tais recursos “[...] permite que os assuntos discutidos emergem e facilita a elaboração dos sentimentos vivenciados pela criança.” (ZOMBINI; BOGUS; PEREIRA; PELICIONI, 2012, p.79)

Em outro artigo, na classe hospitalar pesquisada, a continuidade das atividades escolares aconteciam de forma muito limitada, apresentando-se apenas “[...] algumas dinâmicas lúdicas realizadas por profissionais de saúde, que pouco se aproximam do processo de ensino-aprendizado escolar. [...]” (FERREIRA; FIGUEIREDO; QUEIROZ; PENNAFORT, 2015, p.648)

Os materiais relatados pelos participantes entrevistados na pesquisa, foram, desenhos para pintar, pintura de gesso, desenho, brinquedos, “livrinhos”, balão. Outro lugar que o hospital contava era um, “[...] espaço recreativo para os pacientes, separado das enfermarias, com brinquedos e materiais lúdicos.[...]” (FERREIRA; FIGUEIREDO; QUEIROZ; PENNAFORT, 2015, p.649), que ainda destacada sua importância no período de hospitalização, proporcionando momentos prazerosos, não continha uma função educativa como na instituição escolar. Os materiais e recursos citados desse espaço, são os jogos, as brincadeiras e as atividades de interação.

No artigo “Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores”, as autoras trouxeram na pesquisa a rotina de atendimento na classe hospitalar pautado no ensino de ciências. Como

materiais e recursos utilizados, elas apresentaram textos (diferentes do livro didático), vídeos, demonstrações,

[...] além das atividades práticas (observação de flores, observação de crânios de mamíferos, experimentação em conteúdos de física): aulas expositivo-dialogadas, construção de modelos, atividades de leitura e escrita, pesquisas na internet, saídas para observação de solo e plantas no jardim do hospital, e projeção de vídeos, entre outras. (LINHEIRA; CASSIANI; MOHR, 2013, p. 544)

Elas relataram certa dificuldade em relacionar aulas práticas e teóricas visando a construção de conhecimento dos estudantes. Os próprios estudantes não viam essa relação, vendo o recurso como recreativo, como algo diferenciado do que acontece em sua escola regular. Outros materiais e recursos mencionados foram as figuras impressas, letra de música, jogo de tabuleiro, teatro de fantoches, construção de histórias, desenhos, modelos com massa de modelar, uso de computadores para busca de imagens e mapas, observação em microscópio, produção de cultura de microorganismos, leitura, escrita, observação.

As autoras mencionaram o avanço, conforme foram percebendo como poderiam aliar diferentes recursos com a aula um pouco mais tradicional, que é a referência de escola que as crianças e adolescentes possuem.

A utilização de tramas conceituais no planejamento pode também ajudar na identificação dos recursos a serem utilizados na sala de aula, uma vez que cada conceito pode encerrar uma lista de recursos (texto, vídeo, exercício etc.) potencialmente útil. Aqui cabe a menção de que o acesso do professor a recursos para além do livro didático é condição essencial a um planejamento e execução de uma aula de qualidade em qualquer situação de ensino aprendizagem. Assim, bancos de dados disponíveis, acesso à internet, biblioteca e videoteca minimamente equipada são equipamentos básicos na classe hospitalar como em qualquer outra escola. (LINHEIRA; CASSIANI; MOHR, 2013, p.551)

No contexto estudado pelas autoras da pesquisa “As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos”, funcionava apenas a brinquedoteca, portanto o trabalho era voltado para o lúdico junto aos brinquedos. E, apesar de haver espaço e mobiliário, o hospital carecia de materiais pedagógicos como jogos, lápis de cor, de escrever, por exemplo, necessitando que a equipe construza bazares e feijoadas a fim de conseguir o que é preciso para o funcionamento da brinquedoteca. (SOUZA; ROLIM, 2019)

Os recursos presentes nas pesquisas trazidas aqui, faz com que possamos voltar nossa atenção a respeito de quais são as atividades planejadas (ou não) para as crianças e adolescentes hospitalizados. Em alguns espaços hospitalares destacados na pesquisa,

percebemos que o lúdico é o ponto mais frequente. Já falamos da relevância dele para pacientes/educandos, isto é incontestável. No entanto, o que encontramos, são ambientes nos quais os recursos esgotam-se no lazer, no divertimento, na distração. Tais ambientes acabam por não dispor de classes hospitalares, não atendendo às demandas escolares, com materiais e recursos (e profissionais) voltados para a ampliação de conhecimentos curriculares. Há, inclusive, menção à carência de recursos (que iniciam dos mais simples).

Todavia, avistamos que em outros contextos hospitalares existem diferenciados materiais e recursos, propiciando uma gama de possibilidades para os docentes, que, dispondo dos mesmos, conseguem planejar distintas propostas pedagógicas, essenciais para a garantia de significativos momentos de aprendizagem.

### **2.1.3 Tempos de aprender, tempos de acolher...**

Em um ambiente hospitalar, onde a equipe médica necessita realizar seu trabalho em prol da saúde das crianças e adolescentes, os demais profissionais precisam ter seu trabalho articulado, já que, como mencionado no presente texto, também contribuirão na saúde dos sujeitos hospitalizados. Diante disso, é preciso que tenham informações sobre o paciente acerca de suas limitações, suas rotinas de exames, remédios, para não interferir no desenvolvimento de seu tratamento. Portanto, os tempos destinados a sua aprendizagem escolar são outros e não os mesmos de um estudante que está frequentando uma instituição escolar.

No artigo “Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores” é apresentado como são constituídos os tempos de aulas na classe hospitalar em questão, na qual aconteciam todos os dias no período da tarde, em duas partes, posto que ao meio delas havia o lanche, trazendo a ideia de recreio, que acontecia na sala sob supervisão das professoras. O tempo é flexível, não havendo obrigatoriedade de permanecerem, tendo eles

[...] liberdade para sair quando quiserem e, por vezes, os profissionais de saúde vêm até a classe em busca dos seus pacientes. Antes de cada período de aula, a professora consulta o Sistema de Administração Hospitalar (SAH) e lista os alunos-pacientes em idade escolar. Em seguida, percorre cada unidade de internação do hospital, solicita ao respectivo posto de enfermagem informações sobre o paciente e pede autorização para retirá-lo da unidade, se assim ele o desejar. (LINHEIRA; CASSIANI; MOHR, 2013, p. 539)

O atendimento escolar não acontece apenas na sala, posto que alguns alunos-pacientes podem estar impedidos de sair, mas ainda assim queiram participar, portanto as professoras dirigem-se até o leito deles, nestes casos.

No artigo “A importância da classe hospitalar Semear do Recife no processo de continuidade da escolarização dos estudantes/pacientes com câncer” a classe hospitalar em questão, quanto a prática pedagógica, construía atendimentos individuais e personalizados, considerando o estado de saúde da criança/adolescentes, respeitando sua condição física e emocional, psicológica, que não é constante, podendo mudar de acordo com o dia. A rotina dos estudantes/pacientes é flexível, posto que é necessário adaptar-se conforme a realidade deles, não podendo ser fixa, com um tempo certo para as atividades propostas. O tempo aqui é aproximado (30 minutos), mas pode ser maior ou menor, de acordo com a necessidade, e é importante que tenham início, meio e fim, para serem significativas para os estudantes/pacientes. (SANTOS; CONCEIÇÃO; CAVALCANTE, 2019)

As autoras da pesquisa “As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos” (SOUZA; ROLIM, 2019) trazem, pelas vozes das professoras do hospital pesquisado, como é a abordagem delas com as crianças. Elas dirigem-se até as crianças em seus quartos, a fim de conhecê-las, de perceber suas especificidades e em seguida agendam para elas irem na brinquedoteca. As crianças que não podem ir à brinquedoteca no horário agendado, pelas suas especificidades de saúde, recebem atendimento no leito, brincando em seu quarto.

No artigo “Classe hospitalar: produção do conhecimento em saúde e educação” (XAVIER; ARAÚJO; REICHERT; COLLET, 2013) é mencionada a necessidade de o docente conhecer previamente as rotinas hospitalares, já que é um espaço que tem suas especificidades, e o atendimento é condicionado pelo quadro de cada criança/adolescente.

Como educadores sabemos que o “tempo” não é o mesmo para todos os sujeitos em uma sala de aula. Cada um comporta um “tempo”. E cabe a nós respeitá-lo e sobretudo considerar essa diferenciação em nosso planejamento, a fim de não sermos surpreendidos no decorrer de nossas aulas. O tempo do adulto, não é o tempo da criança, assim como o tempo de uma criança, pode ser diferente do tempo de outras crianças.

Percebemos pelas pesquisas analisadas, a flexibilidade por parte dos docentes a fim de não sobrecarregar as crianças. As rotinas hospitalares são distintas das rotinas escolares. As crianças e adolescentes que participam dos momentos pedagógicos, não têm essa participação como obrigatória, e nem precisam ficar por todo o tempo estimado para tal. Os tempos são flexíveis, posto que é priorizada, a condição desses sujeitos, seja ela física, emocional ou

psicológica. Neste sentido, o tempo dos outros profissionais devem ser considerados também, sempre com o objetivo de priorizar a saúde do paciente/educando, já que o tratamento da doença exige tempos mais precisos, no que se refere a procedimentos e medicações.

#### **2.1.4 O espaço físico onde acontecem as atividades educativas**

A escola é um ambiente que conta com algumas características específicas que a constituem como tal. Sejam as carteiras e cadeiras, quadro, livros didáticos (caso do ensino fundamental), seja o espaço compartilhado com outras crianças, com brinquedos e demais itens. Um contexto hospitalar se diferencia deste, de diversas maneiras. Mas e o espaço destinado para atividades educativas dentro do hospital, como se caracteriza?

Na pesquisa “A importância da classe hospitalar Semear do Recife no processo de continuidade da escolarização dos estudantes/pacientes com câncer” (SANTOS; CONCEIÇÃO; CAVALCANTE; 2019) os autores apresentam como se constitui o espaço onde acontece o AEH. De acordo com eles, a estrutura é uma sala pequena, de apenas um cômodo, que se encontra em meio às enfermarias, contendo uma pia, para que possam higienizar as mãos, um armário para materiais, uma estante de livros e um armário com bandejas. O atendimento acontece na sala, quando é possível fazer o deslocamento deles para lá, ou no leito do paciente/aluno, tendo que, a docente, se deslocar até ele. A classe é multisseriada, mas o atendimento pedagógico é individualizado e personalizado, necessitando que a docente separe o material que cada um utilizará, já que são atividades diferentes para cada um.

As salas de aula do atendimento escolar do hospital foco da pesquisa “Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores”,

[...] são duas (1ª a 4ª série e 5ª a 8ª série) e estão equipadas com: mesa coletiva, quadro branco, computadores ligados à internet, televisão, biblioteca, livros didáticos e paradidáticos diversos, brinquedos pedagógicos, jogos, suporte para soro, cadeira de rodas (compartilhada pelas duas salas), materiais de consumo, linha telefônica para chamadas interna e externa, e ventiladores.” (LINHEIRA; CASSIANI; MOHR, 2013, p. 539)

Os ambientes para as atividades educacionais do hospital pesquisado por Souza e Rolim, consistiam em leitos (onde a criança permanece em seu período de internação) e o espaço da brinquedoteca, que comporta uma área de 20 m<sup>2</sup>. Este segundo espaço é constituído de “[...] armários abertos e fechados, mesas e cadeiras infantis, suportes para soro, uma televisão, caixas plásticas para os brinquedos que devem ser esterilizados. [...]” (SOUZA; ROLIM, 2019, p. 406)

Já no artigo, “Criança e adolescente cronicamente adoecidos e a escolarização durante a internação hospitalar” o que é mencionado a respeito do espaço são as exigências do Ministério da educação (MEC) a respeito do que precisa conter nos mesmos,

[...] mobiliário adequado e uma bancada com pia, instalações sanitárias próprias e espaço ao ar livre adequado para atividade físicas e ludopedagógicas. Além desse espaço próprio para a classe hospitalar, o atendimento pode desenvolver-se nas enfermarias, nos leitos ou no quarto de isolamento, caso haja impedimento pela condição clínica ou de tratamento do escolar. (FERREIRA; GOMES; FIGUEIREDO; QUEIROZ; PENNAFORT, 2015, p.650-651)

De acordo com as pesquisas, os espaços nos quais acontecem o desenvolvimento da pedagogia hospitalar são as salas de aula, a brinquedoteca e os leitos. Ao descreverem tais espaços podemos ter alguma ideia de como é a composição deles. No entanto, não conseguimos ter a real imagem, pela descrição de como estão organizados, nem se todos os itens presentes estão mencionados nas pesquisas. Um ponto que nos chamou atenção, foi o fato de não serem destacadas produções das crianças nas paredes ou portas nas salas, o que nos faz questionar se não contém, ou se as autoras não acharam relevante destacá-los. Pensamos que tais produções dão vida ao ambiente e trazem para as crianças e adolescentes o sentimento de lugar de pertencimento, onde podem sentir que fazem parte dali, que são participantes, atuantes.

A organização do espaço físico onde acontecem as ações educativas é fundamental e precisa ser pensada a fim de garantir um ambiente acolhedor, confortável. Ele reflete nas interações, na comunicação, na realização das propostas, interferindo assim, no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos pacientes/educandos.

As pesquisas trouxeram elementos importantes para pensarmos o planejamento docente. Pensar no sujeito, que é ponto de partida do trabalho docente, pensar os materiais e os recursos que dispomos para a realização do trabalho docente, pensar nos tempos diferenciados que a pedagogia hospitalar nos fornece e sobretudo, pensar no espaço físico, espaço no qual estarão os pacientes/educandos nesta busca por dar continuidade às suas atividades relacionadas a ser criança/adolescente.



### 3 PLANEJAMENTO DOCENTE

A criança traz consigo um repertório próprio adquirido através de sua interação com o outro e com o mundo. Isso vai ser delineado conforme o contexto do qual advém sua vivência, seu convívio, sua moradia, os lugares que frequenta, as pessoas com quem interage, se sua relação se dá apenas com adultos, ou se relaciona-se com outras crianças. As brincadeiras, os materiais que têm acesso, o contato ou o não contato com a natureza, com a rua, com ambientes externos. Portanto, “[...] a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. Aprendizagem escolar nunca parte do zero, toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história.” (VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 1998, p. 08).

Levar em conta o que a criança já sabe se torna parte fundamental do nosso “planejar”. Não planejamos para crianças hipotéticas, e sim crianças reais, com desejos reais, com demandas a serem respeitadas, com especificidades e particularidades. É necessário conhecermos elas, ouvi-las em todos os momentos. Nossa observação e nossa escuta nos auxiliam na criação de propostas que façam sentido, que signifique, que tirem dúvidas, ou que tragam mais dúvidas, que desenvolvam, que favoreçam aprendizagens. De acordo com Vasconcellos (2002, p.107)

O conhecimento da realidade do aluno é essencial para subsidiar o processo de planejamento numa perspectiva dialética. Devemos ter em conta o aluno real, de carne e osso que efetivamente está na sala de aula, que é um ser que tem suas necessidades, interesses, nível de desenvolvimento (psicomotor, sócio-afetivo e cognitivo), quadro de significações, experiências anteriores (história pessoal) [...]

Na construção de seu planejamento, o educador possui como objetivo oportunizar experiências no conhecimento do mundo em que o aluno está inserido, bem como trabalhar na apropriação e construção de conhecimentos de forma significativa, fazendo sentido, considerando a realidade do grupo e a realidade individual.

As especificidades e os interesses singulares e coletivos dos bebês e das crianças das demais faixas etárias devem ser considerados no planejamento do currículo, vendo a criança em cada momento como uma pessoa inteira na qual os aspectos motores, afetivos, cognitivos e linguísticos integram-se, embora em permanente mudança. Em relação a qualquer experiência de aprendizagem que seja trabalhada pelas crianças, devem ser abolidos os procedimentos que não reconhecem a atividade criadora e o protagonismo da criança pequena, que promovam atividades mecânicas e não significativas para as crianças. (BRASIL 2013, p.93)

De acordo com Libâneo (1990, p.222) “O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a

problemática do contexto social”. Como instrumento para a ação que é construído para orientar sua prática, partindo do que sua prática exige, o planejamento precisa ter objetividade, coerência e flexibilidade. Este último, deve-se ao fato de que o processo de ensino não é estático. Ele apresenta movimento, já que é determinado pelas condições da realidade. Dito isto, nem sempre as aulas acontecem como o planejado. (LIBÂNEO, 1990)

### **3.1 O PLANEJAMENTO DOCENTE NA PEDAGOGIA HOSPITALAR**

A escola no âmbito hospitalar necessita de uma construção de prática pedagógica própria para esse contexto, posto que o hospital confere características específicas. Um deles é a questão de que as crianças e adolescentes hospitalizados não são obrigados a frequentar a classe hospitalar. Outra questão a ser considerada, é a avaliação desses estudantes, que não é quantitativa, com notas fechadas, como habitualmente observamos na escola regular. Além disso, há muitas outras singularidades que a escola em um hospital fornece. Seja em questão de espaço, de interação, de vínculo, a dor física, as questões emocionais...

Neste sentido, o planejamento

[...] deve partir da realidade concreta tanto dos sujeitos, quanto do objeto de conhecimento e do contexto em que se dá a ação pedagógica. O primeiro passo, portanto, do educador, enquanto articulador do processo de ensino-aprendizagem, deverá ser no sentido de conhecer a realidade com a qual vai trabalhar [...] (VASCONCELLOS, 2002, p. 106)

O planejamento do professor, não possibilita um processo estático, mas um processo passível de mudanças. Seja na escola regular, seja na classe hospitalar. No entanto, como já apresentamos, na classe hospitalar podem surgir muitos imprevistos, obstáculos, que não possibilitem o desenvolvimento do que foi construído antecipadamente pelo professor. O aluno pode não estar se sentindo bem para o atendimento pedagógico, o grupo pode não se identificar com o tema, não surgindo dúvidas, não obtendo participação, não se criando envolvimento, o que é necessário para um aprendizado significativo. Portanto, é necessário que a construção das atividades seja flexível, abrangendo inclusive o impensável, possibilitando que o professor consiga estabelecer um diálogo, uma conexão, propiciando interesse por parte dos alunos-pacientes.

Desta forma, seria uma boa ideia planejar aulas nas quais os alunos-pacientes possam ser ouvidos, de uma forma em que não se sintam expostos, mas que se sintam à vontade, criando naquele espaço, um lugar de aconchego, na medida do possível, onde uns possam conhecer aos outros, não se sintam desconfortáveis, nem sintam como se estivessem com

pessoas desconhecidas e portanto, não acolhidas.

O papel da escuta pedagógica aparece como a oportunidade de a criança se expressar verbalmente, e também como a possibilidade da troca de informações, dentro de um diálogo pedagógico contínuo e afetuoso. [...] A escuta pedagógica parece ser o caminho a ser trilhado, pois marca o diálogo não somente como a forma da criança expressar seus sentimentos, mas também organizar suas ideias a partir da linguagem. Além disso, o diálogo pressupõe um outro na relação, que pode trazer informações ou esclarecimentos relevantes que auxiliem o indivíduo a compreender melhor a realidade que o cerca. (FONTES, 2005, p.133)

As crianças/adolescentes hospitalizados são advindos de distintos lugares, vivenciam diferentes vidas, de acordo com determinados fatores que as transformam a cada dia e que auxiliam constantemente na construção de quem elas são. Neste sentido, é impossível conhecê-las em sua totalidade, mas precisamos compreendê-las, buscando identificar características demonstradas por eles e que eles permitam esse compartilhamento, a fim de se construir um atendimento pedagógico contextualizado, que se aproxime deles, de seu cotidiano e não simplesmente fragmentando um conhecimento científico a ser ensinado a eles.

O objetivo principal desta pesquisa se dirigiu ao planejamento docente na pedagogia hospitalar, presente nos trabalhos selecionados no portal SciELO Brasil, pretendendo conhecer como ele tem sido apresentado nas pesquisas dos últimos anos, percebendo quais as características do “planejar” os professores têm levado para sua prática docente no âmbito hospitalar. Desta forma, trazemos aqui, pontos importantes para pensarmos a prática educativa e o planejamento docente no AEH, presentes nos trabalhos pesquisados.

O planejamento é um ponto constante do artigo “Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores” (LINHEIRA, CASSIANI, MOHR, 2013). As autoras trazem várias questões para pensarmos o planejamento docente, seus obstáculos, suas possibilidades. A classe hospitalar possui características distintas de uma classe regular, portanto o processo é diferenciado, seja a seleção de conteúdos, seja o desenvolvimento das atividades, seja o planejamento pedagógico. As autoras afirmam que na classe hospitalar não há espaço para homogeneização, assim como na escola regular também não deveria ter. (LINHEIRA, CASSIANI, MOHR, 2013) Como bem sabemos e já tratamos ao longo da pesquisa, cada ser é único, portanto, não haveria de ter classes homogeneizadas, cabendo ao professor, conhecê-los, a fim de compor um planejamento que possa contemplá-los, ainda que nem sempre ele vá acontecer como o previsto.

A pesquisa de Linheira, Cassiani e Mohr (2013) teve como objetivo analisar e compreender o desenvolvimento das aulas de ciências no contexto hospitalar. Estas, envolveram uma perspectiva multidisciplinar com atividades pautadas nas orientações

curriculares vigentes (Proposta Curricular de Santa Catarina e Proposta Curricular para o Ensino Fundamental). Elas utilizaram atividades práticas pensando ser algo que motivasse a frequência e a permanência dos estudantes, já que as mesmas não são obrigatórias. Elas pensaram em um planejamento tentando desenvolver atividades nas quais os conhecimentos fossem construídos fugindo da forma tradicional. Isso quebrou as expectativas dos estudantes, posto que não era comum acontecer desta maneira em suas aulas na escola. (LINHEIRA;CASSIANI; MOHR, 2013)

Neste ponto novamente percebemos como nossas expectativas podem ser completamente diferentes, ao que realmente acontece. Mesmo com observação, diálogo, percepção da realidade vivida naquele contexto, as aulas podem tomar outros rumos.

As autoras relataram o interesse e a participação dos alunos-pacientes ao tema “corpo humano”, surgindo dúvidas sobre sua doença. Apesar de as doenças deles não fazerem parte do planejamento do tema de aula, percebia-se a curiosidade das crianças a respeito do que acontecia com seu corpo.

As autoras deixaram como fala marcante, a contextualização dos conteúdos trabalhados com as crianças/adolescentes hospitalizados:

Desde o início do planejamento das atividades de ensino, as práticas e a contextualização dos conteúdos se colocavam como um imperativo. Entendemos a contextualização dos conteúdos como um dos aspectos mais relevantes no ensino, pois é através dela que conseguimos diminuir a fragmentação do conhecimento científico e aproximá-lo do cotidiano dos alunos. (LINHEIRA, CASSIANI, MOHR, 2013, p.544)

Portanto necessita-se escutá-los, conhecê-los proporcionando um ambiente favorável ao diálogo, já que, segundo as autoras, a falta de segurança para falar, expor suas dúvidas, interação, participação, são fatores que comprometem a aprendizagem e isso se intensifica em um ambiente onde não se está a vontade, conhecendo, tendo vínculo afetivo com os demais.

No artigo “A importância da classe hospitalar Semear do Recife no processo de continuidade da escolarização dos estudantes/pacientes com câncer” (SANTOS, CONCEIÇÃO, CAVALCANTE, 2019) Os autores trouxeram contribuições a respeito do planejamento docente a partir de uma pesquisa (utilizando entrevista com professora da classe hospitalar Semear do Recife)

Elas destacam a importância do planejamento no ensino, afirmando o caráter aberto do mesmo, no qual podem ocorrer mudanças no decorrer de sua execução. Assim, o professor é quem se dedica a construir, mediar o processo educativo, organizando o ambiente onde a aprendizagem será favorecida. Ele necessita considerar as vivências, experiências do estudante/paciente. Todo sujeito carrega consigo sua linguagem, sua cultura, seu contexto

onde vive.

Aproximando-se junto às falas da professora entrevistada, eles apresentam determinantes do processo educativo no hospital. Um deles é o tempo, que é aproximado, já que não se pode medir exatamente, respeitando-se o movimento do estudante/paciente, além de as atividades propostas necessitarem ter início, meio e fim. Outro são os materiais e as atividades, que devem ser bem pensadas a fim de possibilitar um processo educativo significativo. Outro determinante é a avaliação, que vai acontecendo no decorrer desse processo, percebendo-se os avanços que ele conseguiu ou não. Ou seja, a avaliação é processual, e o planejar e o avaliar são movimentos diários.

Por vezes a aula acontece na classe, por vezes no leito, sendo individualizadas, sempre sendo trazidas atividades lúdicas para a composição. Ainda se tem a questão da mediação com a escola de origem, importante, já que ela irá estabelecer uma base curricular “[...] seguindo os mesmos conteúdos trabalhados na escola de origem, para que o estudante hospitalizado não seja penalizado com a falta de assuntos necessários para sua formação em um determinado ano escolar.” (SANTOS, CONCEIÇÃO, CAVALCANTE, 2019, p.644). Assim se constrói uma ponte entre a escola de origem e a classe hospitalar, possibilitando preservar os vínculos escolares e posterior reintegração à escola regular.

Na pesquisa “As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos” (SOUZA; ROLIM, 2019) o planejamento docente aparece, porém de forma mas tímida. No hospital onde foi realizada a pesquisa (na cidade de Palmas, estado do Tocantins) o atendimento pedagógico acontecia, no entanto, havia brinquedoteca no local, e não classe hospitalar. O atendimento estava mais próximo do lúdico e não de atividades relacionadas a base curricular e a escola regular de origem.

As autoras afirmam que o deslocamento do professor de um local rotineiro (escola) para o ambiente hospitalar, traz muitos desafios para sua prática pedagógica, já que ele está impregnado de restrições frente às doenças, aos tratamentos, ao tempo, ao espaço. Este ambiente demanda um olhar voltado para as especificidades que ele comporta junto aos sujeitos, que necessitam de um planejamento apropriado, considerando essas diferenças.

Desta forma é preciso compreender o contexto, a rotina, aproximar a linguagem do hospital, a fim da compreensão por parte da criança. É imprescindível a comunicação, o diálogo, para o ato educativo, na busca do desenvolvimento da criança hospitalizada.

No hospital em questão as ações estão voltadas para os aspectos emocionais e não a continuidade escolar. Nele é considerado que se construam propostas que possam fazer com que o distanciamento do contexto social, do “viver a infância” seja minimizado, voltando-se

assim para o brincar,

[...] para os movimentos lúdicos de descontração, imaginação, interatividade e bem-estar, mas esse brincar possibilita, também, o trabalho com a realidade interna e externa do mundo infantil, elemento importante para a continuidade do desenvolvimento em contexto inóspito do hospital. (SOUZA; ROLIM, 2019, p.414)

O pano de fundo da pesquisa “O currículo da classe hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul” (ORTIZ; FREITAS, 2014) foi uma classe hospitalar localizada no Rio Grande do Sul, no qual tiveram como enfoque o currículo. Na análise das autoras, a visão de planejamento da prática pedagógica está condicionada à escuta respeitosa da criança/jovem por parte do professor, que precisa buscar uma aproximação das realidades do cotidiano (escolar, condição de saúde) e conhecer os saberes da vida a fim de articulá-los aos saberes da escola. Ou seja, é defendida uma prática que convide ao diálogo, que respeite os saberes, que olhe, que reconheça os

[...] conhecimentos individuais do aprendiz para depois construir conhecimentos formais que circulam nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Biologia, Química, Física, Filosofia, Língua Estrangeira, Literatura, História, Educação Artística e Psicopedagogia, mediados pelas vantagens das tecnologias de informação e comunicação, tanto no conhecimento em si, quanto para a sua produção/transmissão. (ORTIZ; FREITAS, 2014, p.611)

Os conteúdos, portanto, decorrem da experiência dos educandos. Às disciplinas tradicionais, é incorporado o conhecimento cotidiano, local e midiático. Desta forma, a pluralidade ganha destaque, já que é imprescindível a valorização da diversidade cultural na seleção de conteúdos

A prática pedagógica está pautada no respeito e na igualdade entre todos, na promoção da inclusão social e na consolidação da autoestima. Se espera que as atividades propostas possam formar alunos conscientes de seu papel cidadão, que desenvolvam senso crítico e se desenvolvam intelectualmente, dando continuidade a sua trajetória escolar.

[...] os professores do PAP afirmam que os saberes necessários à docência passam pelo entendimento dos valores sociais de cada paciente e concebem os conteúdos como elementos emergentes do universo experiencial dos próprios aprendizes, abordagem esta de descendência freireana. Porém, este coletivo também aceita os novos ares da discussão curricular ao demarcar seus planos de ação, lançando às atividades de ensino-aprendizagem conteúdos de aprofundamento no campo da diversidade social, étnica, de gênero e de religiosidade. (ORTIZ; FREITAS, 2014, p.607)

O atendimento é individualizado, assim como a avaliação, registrando-se cada um, resultado de reflexão, de observação de todo o processo, que não é endurecido, mas flexível.

No artigo “Classe Hospitalar: Produção do Conhecimento em Saúde e Educação” as autoras trazem a partir de sua pesquisa em outros trabalhos produzidos na área da pedagogia hospitalar, o caráter flexível que se exige na prática dos docentes que atuam nesses espaços.

Além disso, “[...] o professor deverá estar capacitado para lidar com todas as instabilidades emocionais e condições clínicas dos pacientes, sem correr o risco de exercerem o papel de mãe substituta, tia, psicóloga ou até mesmo recriadora” (XAVIER; DE ARAÚJO; REICHERT; COLET, 2013, p. 619) facilitando conhecimentos e visando que os conhecimentos espontâneos sejam transformados em conhecimentos científicos, inclusive a respeito da própria doença. O professor deve aproximar-se das crianças e adolescentes, envolvendo-os, conhecendo-os e enfim perceber suas necessidades e interesses, partindo suas ações desse último. (XAVIER; DE ARAÚJO; REICHERT; COLET, 2013)

Na pesquisa “Classe hospitalar: A articulação da saúde educação como expressão da política de humanização do SUS” os autores trazem que, para a construção de uma prática educativa significativa em um contexto hospitalar, é necessário que o professor compreenda a realidade dos sujeitos que ali estão, conheça suas necessidades, suas dificuldades, seus problemas, suas visões de vida. Para isso, é preciso de diálogo, de comunicação, a fim de que as crianças e adolescentes possam expor seus sentimentos, suas angústias, suas opiniões, sendo acolhidos nesses momentos. Além disso, o docente deve valorizar o conhecimento que os pacientes educandos já possuem no que se refere aos assuntos abordados nas aulas.

É destacado que deve ser considerado o cumprimento da grade curricular, já que estará dando continuidade aos conteúdos escolares e que devem ser desenvolvidas atividades voltadas para a educação em saúde. Segundo os autores (ZOMBINI; BOGUS; PEREIRA; PELICIONI, 2012, p.80)

A construção da prática pedagógica para atuação em ambiente hospitalar deve, assim, transpor as barreiras da educação tradicional e da visão compartimentada e reducionista, promovendo o aperfeiçoamento humano como um todo, contribuindo assim para o desenvolvimento infantil e ampliando sua experiência de vida. É a partir do despertar da valorização de si própria, da liberação de seus potenciais, que a criança encontrará condições de viver com saúde, superando os momentos de tensão que a hospitalização impõe.

A partir do levantamento das pesquisas, podemos observar nos trabalhos que deram espaço ao planejamento, qual o espaço tem se dado a ele na pedagogia hospitalar, o que é considerado para sua realização, o que é levado em conta no processo de sua construção. Percebemos a busca por quebrar a homogeneização que tanto criticamos, já que ela anula a diversidade de sujeitos, idealizando crianças hipotéticas, que não existem na realidade. As pesquisas trouxeram a importância da abertura ao diálogo. Assim é possível aproximar-se das crianças e adolescentes, objetivando conhecer sua realidade, seu contexto, e, neste sentido, planejar voltando nosso olhar para as especificidades dos sujeitos que compõem a pedagogia hospitalar.

O planejamento precisa estar vinculado à prática de ensino, sendo observados os movimentos das aulas a fim de incorporar cada vez mais elementos que darão significado às ações, que farão mais sentido, que estarão mais conectadas e favorecerão as aprendizagens dos educandos. Segundo Libâneo (1990 p.225)

[...] A ação docente vai ganhando eficácia na medida em que o professor vai acumulando e enriquecendo experiências ao lidar com as situações concretas de ensino. Isso significa que, para planejar, o professor se serve, de um lado, dos conhecimentos do processo didático e das metodologias específicas das matérias e, de outro, da sua própria experiência prática.

Com relação aos conteúdos considerados no planejamento docente, vimos que há uma grade curricular seguida, de acordo com as escolas de origem, e que deve ser considerada, já que assim o educando/paciente consegue seguir com sua aprendizagem escolar, diminuindo a sensação de que está excluído, bem como contribui para a continuidade do currículo, minimizando a possibilidade do fracasso escolar. No entanto, esses conteúdos necessitam de contextualização, conforme afirmam as pesquisas, não podendo ser fragmentado, mas sim, decorrerem do cotidiano, e do que trazem as crianças/adolescentes.

O planejamento não é algo para ser apenas escrito. Ele possui movimento, e advém do movimento que fazemos em busca de propiciar uma aprendizagem significativa para nossos alunos. Segundo Vasconcellos (2002, p.98)

O planejamento se coloca no campo da ação, do fazer; todavia, não parte do nada: existem definições prévias (teoria, valores, etc.) que precisam ser explicitadas. O projeto de ensino-aprendizagem está atrelado a uma concepção de educação, que, por sua vez, está relacionada às concepções de conhecimento e de currículo.

Como trazido nas pesquisas, o planejamento é diário, devendo conter início, meio e fim, já que o que se sabe é que a criança ou adolescente está ali naquele dia, no entanto, não sabemos se ele estará nos dias posteriores. Com os relatos, não fica claro como são organizados os planos de aula, com relação à justificativa e objetivos, por exemplo. Nestes últimos, são descritos os conhecimentos, habilidades, hábitos e atitudes que, ao fim do estudo do conteúdo, serão desenvolvidos. (LIBÂNEO, 1990), e isto é claro, vai depender de sujeito para sujeito, de acordo com a faixa etária, com seus conhecimentos prévios, suas experiências anteriores.

Pudemos perceber, que muitos dos trabalhos pesquisados apresentam a realidade da pedagogia hospitalar em determinados hospitais, ou seja, estudaram um caso, um lugar, e descrevem em suas pesquisas, os motivadores de tais escolhas. Em muitos deles, os autores trazem as vozes dos sujeitos que compõem, que participam, que se relacionam naquele contexto. Sejam alunos pacientes, sejam professores, sejam familiares. Desta forma, conseguimos, ainda que timidamente, refletir, a partir do que nos dizem as pesquisas, com os



elementos trazidos de maneiras singulares pelos pesquisadores, a respeito do planejamento na pedagogia hospitalar.

Em estudo anterior “Perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da classe hospitalar”, uma pesquisa documental que visou descrever o perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da escolarização em hospitais analisando artigos publicados entre os anos 1997 e 2008 a fim de buscar o conhecimento que foi produzido com relação a classe hospitalar (CH), foi afirmado que, contrariando a hipótese inicial dos autores, houve o predomínio dos artigos classificados como relatos de pesquisa sobre os relatos de experiência, porém ao analisá-los percebe-se que muitos deles apesar de serem considerados como tal, não são, já que apenas seis preencheram todos os critérios necessários, correspondendo a produções de qualidade. Estes dois tipos de artigos são os que compõem o perfil da produção do conhecimento sobre a classe hospitalar no Brasil nos anos 1997-2008. O objetivo da pesquisa foi distinto do presente trabalho, no entanto, podemos observar algumas similaridades como a constatação da timidez na qual se passa a produção científica a respeito da classe hospitalar, ainda que venha aumentando no decorrer dos anos. Também concluíram que as pesquisas precisam de avanços, de amadurecimento, de enriquecimento teórico-metodológico da área das classes hospitalares e ir além da afirmação da importância da sua existência.

Em outro estudo “Classe Hospitalar: Produção do Conhecimento em Saúde e Educação”, cujo objetivo era analisar a produção científica a respeito da classe hospitalar, as autoras afirmaram que a produção científica brasileira sobre o tema ainda é bastante tímida e pouco aprofundada. Constatação essa, que percebemos como continuidade na realização do presente trabalho, conforme dito anteriormente. O objetivo dos dois trabalhos também foi distinto, já que o enfoque da presente pesquisa está no planejamento docente na pedagogia hospitalar. No entanto, traz apontamentos semelhantes no que se refere a importância do atendimento escolar hospitalar.

O presente trabalho, trouxe, portanto, elementos distintos das pesquisas anteriores, buscando delinear os traços, as características das pesquisas em pedagogia hospitalar com um enfoque mais delimitado, em um portal específico. Pensamos ter contribuído com pontos importantes que merecem reflexão e merecem ser cada vez mais aprofundados em posteriores estudos, assim como toda a temática da área, que necessita ser mais difundida e discutida.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscamos compreender nos artigos publicados no SciELO brasileiro o tema da Pedagogia Hospitalar com o foco no “planejar docente”. A Pedagogia tem seu papel no ambiente hospitalar como um elemento de apoio ao bem estar e ao vínculo com a vida, em alguns casos contribuindo com a recuperação da saúde das crianças e adolescentes internados, proporcionando a eles elementos novos, relacionado às suas vivências, considerando sua integralidade e promovendo assim a experiência conectada a sua faixa etária, que é a brincadeira, o lúdico, o estudo, a interação. A presença do profissional docente propõe o exercício cognitivo, de aprendizagem, lúdico, direcionando a atenção da criança e do adolescente internados para o potencial de vida, de criação, de aprendizados,

Mas será que um planejamento de professores atuantes na escola regular, é construído da mesma forma de um planejamento construído por professores que trabalham com a pedagogia hospitalar? em que pontos se assemelham e se diferenciam? as demandas são as mesmas? O ambiente interfere nessa construção? e as relações contidas ali, influenciam de alguma forma? Em torno destas questões, este trabalho foi sendo delineado, buscando respostas, ou indícios, de como a temática vem sendo trazida em pesquisas e que podem nos ajudar a entendê-la.

Tendo em vista o que foi pesquisado, pudemos analisar que muito do que se diz a respeito do planejamento na pedagogia hospitalar está de acordo com o que se deve levar em conta no planejamento escolar. Considerar os conhecimentos prévios, a escuta aos educandos, o respeito às vivências e experiências, a contextualização, a aproximação dos conhecimentos a fim de transformar os conteúdos, trazendo significado para os alunos. Outro ponto é a flexibilidade do planejamento, que neste contexto, pode sofrer mais interferências, por todo o cenário ao que se está inserido.

Na leitura e no estudo dos trabalhos pesquisados, no entanto, o planejamento não se apresentou como debate principal. Ser professor no ambiente hospitalar exige lidar com discontinuidades em vários sentidos: a interrupção ou modificação da “rotina” das “aulas”(os encontros pedagógicos), o estado geral de saúde e de humor (estado mental) do paciente; a interrupção por alta, por mudança de setor do paciente, entre outros. Enfim, o planejamento na Pedagogia Hospitalar dificilmente pode contar com um plano de ensino de muitos dias, precisa sempre estar se adaptando ao dia. Neste sentido, os instrumentos docentes de observação e registro se fazem ainda mais importantes. (sobre estes instrumentos ver Freire, 1996) .

O planejamento na Pedagogia Hospitalar se dá a partir da observação e registro de cada criança e adolescente, e neste “bloco de notas individualizado” dos registros, as interrupções de rotina, mudanças de contextos, avanços nos conhecimentos, retrocessos, conteúdo das conversas, têm garantia de historicidade. É um instrumento de auxílio no sentido de continuidade para quem vive temporariamente em um contexto de ruptura de seu cotidiano na vida familiar. A história do atendimento pedagógico de cada um vai sendo registrada e resgatada como base para o planejamento do dia. Em algumas oportunidades as aulas podem ser conjuntas entre duas crianças ou mais, de todo modo o sentido de um planejamento baseado no dia a dia para a mediação dos conhecimentos em jogo permanece valendo.

Levando em conta o que foi analisado, percebemos lacunas na pedagogia hospitalar, que por vezes acaba por não cumprir o seu papel na educação de crianças e adolescentes hospitalizados. Isso deve-se a diversos fatores, sejam eles relacionados à estrutura física, profissionais capacitados e conscientes da importância do AEH, bem como os recursos disponibilizados. Neste sentido, e com base nos estudos realizados, entendemos que a Pedagogia Hospitalar é um campo em construção no Brasil, ainda em seu início porém com indicações de consolidação. Certamente há desigualdade desta oferta e de estudos entre as diversas regiões do país, e o serviço de Pedagogia Hospitalar já é realidade em muitos hospitais, como nos apresentam os estudos de campo. Portanto, não se esgota aqui a discussão do tema. É fundamental que ele continue cada vez crescendo mais em quantidade e qualidade, a fim de que se volte a atenção para esse espaço, que fica por vezes esquecido, afastado dos debates, das conversas, nos cursos de licenciaturas. Neste sentido, não estamos propondo que exclua-se algumas discussões, ou até mesmo encarem-as como menos importantes, de forma alguma. No entanto, acreditamos ser fundamental que haja mais estudo, mais pesquisa, mais discussão nesta área.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Alessandra Santana Soares e; GUEUDEVILLE, Rosane Santos; VIEIRA, Sônia Chagas. Perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da classe hospitalar.

**Revista Brasileira de Educação Especial** aug 2011, Volume 17 N. 2 Pages 335 - 354.

BRASIL. Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e Adolescente. Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995. **Dispõe sobre os direitos da criança hospitalizada**. Diário Oficial da União 1995. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm>> Acesso em 26 jun. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 76/2013, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/1994. 40.ed. com índice. Brasília: Centro de Documentação e Informação (CEDI), 2013. 464 p. Disponível em: <[https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/Constituicoes\\_Brasileiras/constituicao1988.html](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao1988.html)> Acesso em 26 jun. 2019.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em 26 jun. 2019.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)> Acesso em 26 jun. 2019.

CECCIM, Ricardo Burg, e CARVALHO, Paulo R. Antonacci (org.). **Criança Hospitalizada: Atenção Integral como Escuta à Vida**. Porto Alegre. Ed. da UFRGS, 1997.

FERREIRA, Mayara Kelly Moura ; GOMES, Ilvana Lima Verde ; FIGUEIREDO, Sarah Vieira ; QUEIROZ, Maria Veraci Oliveira ; PENNAFORT, Viviane Peixoto dos Santos. **Criança e adolescente cronicamente adoecidos e a escolarização durante a internação hospitalar**. Trabalho, Educação e Saúde dec 2015, Volume 13 N. 3 Pages 639 - 655.

FARIAS, I. M. S.; SALES, J. O. C. B.; BRAGA, M. M. S. C.; FRANÇA, M. S. L. M. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 4 ed. Brasília: Liber Livro, 2014

FONSECA, E.S. **Classe hospitalar: ação sistemática na atenção às necessidades pedagógico-educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados**. Temas sobre Desenvolvimento, v.8, n.44, p.32-37,1999.

FREIRE, Madalena. **Educando o Olhar da Observação** (p. 10-20) do texto (em anexo) FREIRE, Madalena. Educando o olhar da observação. In.Observação, registro e reflexão. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. Disponível em: <[http://www.oocities.org/br/brucewaynes/09\\_observacaoregistroreflexao.pdf](http://www.oocities.org/br/brucewaynes/09_observacaoregistroreflexao.pdf)> Acesso em 15 de fev. 2022.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990

LINHEIRA, Caroline Zabendzala; CASSIANI, Suzani; MOHR, **Adriana. Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar:** relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores. *Ciência & Educação (Bauru)* 2013, Volume 19 N. 3 Pages 535 - 554.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho de. **A história da educação inclusiva na perspectiva das Classes Hospitalares.** Anais do 8º Congresso Brasileiro de Educação Especial, 2018.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS, Soraia Napoleão. **O currículo da classe hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul.** *Educação & Realidade* jun 2014, Volume 39 N. 2 Pages 595 - 616.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; GARCIA, Simone Hoerbe; ZARDO, Sinara Pollom; SCHMID, Denise Pasqual; CASTRO, Sabrina Fernandes de ; MEINEN, Carina Vizzotto ; RODRIGUES, Eliane de Oliveira; FREITAS, Soraia Napoleão. **A classe hospitalar como instrumento de participação política na construção coletiva da associação de pais e pacientes da hematologia.** *Educação em Revista* aug 2010, Volume 26 N. 2 Pages 317 - 335.

SANTOS, Raffael Bruno Gomes dos; CONCEIÇÃO, Cláudia Cristina da; CAVALCANTE, Tícia Cassiany Ferro. **A importância da classe hospitalar Semear do Recife no processo de continuidade da escolarização dos estudantes/pacientes com câncer.** *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* dec 2019, Volume 100 N. 256 Pages 633 - 650.

SILVA, Juliana Lima da; SCHWAMBACH, Ailim. **PEDAGOGIA HOSPITALAR:** a humanização da educação em ambientes de saúde. *Revista Acadêmica Licenciaturas, Ivoti*, v. 7 • n. 1, p. 56-71, janeiro/junho, 2019.

SILVA, Neiton da. ANDRADE, Elane Silva de. **Pedagogia Hospitalar:** fundamentos e práticas de humanização e cuidado. Cruz das Almas/BA: Editora UFRB, 2013. Disponível em: <<https://www1.ufrb.edu.br/editora/component/phocadownload/category/2-e-books?download=43:pedagogia-hospitalar-fundamentos-e-praticas-de-humanizacao-e-cuidado>> Acesso em 26 jun. 2019.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento:** projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico - elementos metodológicos para elaboração e realização, 10 ed. São Paulo, 2002.

VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexis, N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1998.

SOUZA, Zilmene Santana ; ROLIM, Carmem Lucia Artioli. **As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar:** Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos. *Revista Brasileira de Educação Especial* sep 2019, Volume 25 N. 3 Pages 403 - 420.

XAVIER, Thaís Grilo Moreira; ARAÚJO, Yana Balduino De ; REICHERT, Altamira Pereira dos Santos ; COLLET, Neusa. **Classe hospitalar:** produção do conhecimento em saúde e educação. Revista Brasileira de Educação Especial dec 2013, Volume 19 N. 4 Pages 611 - 62.

ZARDO, S. P.; FREITAS, S. N. **Educação em classes hospitalares:** transformando ações e concepções à luz da teoria da complexidade. Educar, Curitiba, n. 30, p. 185-196, 2007.

ZOMBINI, Edson Vanderlei; BOGUS, Cláudia Maria; PEREIRA, Isabel Maria Teixeira Bicudo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Classe hospitalar:** a articulação da saúde e educação. Trabalho, Educação e Saúde jun 2012, Volume 10 N. 1 Pages 71 - 86.